

Santo Agostinho na parenética portuguesa seiscientista

Da importante presença de Santo Agostinho, em citações frequentes — directa ou indirectamente colhidas ao longo dos seus escritos — na parenética portuguesa seiscientista, não há que duvidar. Pode mesmo dizer-se que é o padre da Igreja mais constantemente referido em todo o género de sermões pregados e impressos, ao menos nessa época*.

Nada a estranhar, porém, se atentarmos na autoridade de que disfrutava a doutrina do Bispo de Hipona no seio do mundo católico: o maior santo entre os doutores e o maior doutor entre os santos, definiria-o Vieira, em enfática afirmação. A marca da sua presença entre nós segue, pois, o comum acatamento e a adesão da cristandade ocidental¹. Contribuiu, de resto, para essa influência, o magistério hierárquico e o ensino ministrado nas escolas universitárias e conventuais. O culto e a pregação, promovidos obviamente pelos religiosos da sua regra, são também responsáveis por esta perdurabilidade através dos tempos. Recordemos, de passagem, que as três conhecidas ordens agostinianas do ramo masculino entre nós estabelecidas — os cônegos regrantes e os eremitas calçados e descalços — tinham um assinalável enraizamento no continente e além-

* Este texto inédito parte de uma comunicação apresentada, em Lisboa, no Simpósio realizado a 13 de Novembro de 1987, para celebrar o XVI Centenário da Conversão de Santo Agostinho.

¹ José Maria da Cruz PONTES: *Augustinismo em Portugal*, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, dir. de A. Banha de Andrade, II, Lisboa, Editorial Resistência, 1983, p. 19-35, e *Augustinismo em Portugal*, in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, I, Lisboa, Verbo, 1989, cols. 514-519; *Exposição Biblio-Iconográfica no Décimo Sexto Centenário da Conversão de Santo Agostinho*, Catálogo, Porto, Biblioteca do Seminário Maior do Porto, 23 de Outubro a 8 de Novembro de 1987, Porto, 1987, 50+14 p.

–mar português, sem deixar, também, de englobar as monjas agostinhas².

A pretexto em particular da sua solenidade anual, compreensível se torna a existência dos textos de que nos vamos ocupar, da autoria de pregadores que ou eram delas membros, ou haviam sido convidados a pronunciar, nas igrejas de seus conventos, o panegírico do santo patrono, a 28 de Agosto, dia de sua festa litúrgica.

Parece-nos, no entanto, de ressaltar um facto: uma escassez. Com efeito, deverá referir-se que, entre os sermões mencionados, só figura um dedicado à conversão de S^{to}. Agostinho, assinalada no calendário romano, 5 de Maio, e são escassos os analisados dos não poucos que se encontram insertos em sermonários seiscentistas, manuscritos e impressos, que conhecemos e que se deixa para melhor oportunidade³.

² Ver: Avelino de Jesus COSTA, *Agostinho, Ordem de Santo*, in Dicionário de História de Portugal, dir. de Joel Serrão, I, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1963, p. 59-60; A. Banha de ANDRADE, Teodoro C. MADRID, Hipólito MARTINEZ, *Agostinhos*, in Dicionário de História da Igreja em Portugal, I, (1980), p. 69-77.

³ Sem contar com os dois do Doutor Diogo de Paiva de ANDRADE, aliás pregados no século XVI mas publicados no início de seiscentos, *Dia de S. Agostinho / Serm. I / Em nossa Senhora da Graça. / Lisboa. Anno 1570 e Da Mesma Festa e Huma Mis- / sa Nova. Serm. II / Em N. Senhora da graça. / Lisboa Anno. 1571*, in Sermões [...] Segunda Parte [...], Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1602, p. 383-398, nem o do agostinho Fr. Manuel da ASSUNÇÃO (1671?-1746?), *Sermão / de Nosso Padre / S.^o Agostinho [...]no convento [...]da Graça / de Lisboa*, in Sermoens Varios [...] Tomo I [...], Lisboa, Domingos Rodrigues, 1746, p. 128-158 e o do trino portuense Fr. João TAVARES (1689-17 ?), *Sermão / do Insigne Patriarca, / Aguia dos Doutores, / S. Agostinho, / [...]no [...]Mostey-/ro [...] de São Vicente de Fóra [...]*, in Sermoens Panegyricos [...] Primeira Parte [...], Lisboa, Oficina da Musica, 1729, p. 231-274, em data desconhecida, porém de setecentos, haveria, entre outros, a considerar: o do tesoureiro da Sé de Lamego, António de Matos TEIXEIRA (16 ? — 1707), *Sermam / da Grande Luz / Patriarcha, Mestre / & Pay da Igreja, / Santo Agustinho / [...] em o Convento da Piedade dos Eremitas de Santo Agustinho, em o dia 28. / de Agosto de 1674*, in Luz Evangelica, Primeira Parte, Lisboa, Miguel Deslandes, 1686, p. 1-33; o do jesuíta Manuel dos REIS, *Sermam / de / S. Agostinho / [...]em o Con- / vento de Santa Anna em Coimbra / no Anno de 1682*, in Sermoens [...] Terceira Parte, [...], Évora, Oficina da Universidade, 1724, p. 105-121; o de outro jesuíta Simão da GAMA, *Sermão / da Converção / do Grande Padre, / e Doutor da Igreja / S. Agostinho [...] em Lisboa [...] convento de Chellas. Anno 1690*, in Sermoens Varios [...] Setima Parte [...], Lisboa, Bernardo da Costa Carvalho, 1715, p. 355-376; o do clérigo de ascendência francesa e teatino, Rafael BLUTEAU, *Sermão / de S. Agostinho, / [...] / na sua Igreja [...] da Graça em Lisboa, / no anno de 1691*, in Sermoens Panegyricos, e Doutrinas [...], Tomo I [...], Lisboa, José António da Silva,

Refira-se, antes de mais, que o ms. 362 da B.N. de Lisboa, publicado em 1960 pela Prof. Maria de Lourdes Belchior Pontes, revela-nos, em sua seriação temática, a existência de mais de sete centenas de sermões avulsos, impressos entre nós de 1612 a 1713, que o seu compilador, Bernardo Gomes, diz, não com inteira verdade, serem quantos saíram do prelo desde 1551 a 1716⁴. Dos consagrados a S^o. Agostinho, enumera onze, sem, no entanto, lhes assinalar a data, sendo três pertença de um só autor: Fr. Ruperto de Jesus. Trata-se, na verdade, de folhetos editados por diversos impressores, como ao tempo era hábito, com sermões pregados entre 1617 e 1702, em Lisboa, Goa, Coimbra, Baía e Lima (Perú), todos com uma única excepção no dia festivo do convertido de Tagaste⁵. O elenco é, de resto, dos mais numerosos entre os que Bernardo Gomes adregou inventariar. Juntamos, ainda, outros dispersos pela obra parenética, reunida em volume, de alguns pregadores de nomeada, considerando que, apesar da disparidade dos anos em que foram pronunciados e dos seus autores, poderiam constituir um corpus documental de algum interesse para estudo do agostinismo em Portugal. Haveria, tão-só, que reuní-los e passá-los ao crivo de uma leitura cuidada. Foi o que se procurou fazer.

O caminho metodológico mais conveniente pareceu-nos ser situá-los conjunturalmente e referir-lhes os vectores dominantes. Traçar-se-á, por isso, um breve esquisso do pregador, a permitir a sua inserção num tempo e lugar, com o simultâneo apontar das circunstâncias motivadoras destas orações panegíricas. Daí reconhecer-se, sem esforço, a pertinência de um certo número de questões, porventura a levantar a propósito destes textos: a estrutura parenética, o teor hagiográfico perseguido, o gosto retórico da época em que surgiram. A tais tópicos nos mantivemos, sem sair, por facilidade expositiva, de um dimensionamento diacrónico.

1. Atente-se, a abrir, nos sermões do Doutor Francisco Fernandes Galvão (1554-1610), arcediogo de Vila Nova de Cerveira, no coração do

1732, p. 73-83; o do Bispo de Cranganor e Auxiliar de Évora, o loio D. Diogo da Anunciação JUSTINIANO, *Sermam / de S. Agostinho, / [...], no Convento [...] de S. Vicente de Fóra, / [...] em Lisboa anno de 1696*, in Trofeo Evangelico [...] Segunda Parte [...], Lisboa, Miguel Deslandes, 1699, p. 137. Conhecemos ainda outros do século XVIII e XIX, como, por exemplo, os de: Fr. Manuel de S. João Nepumeceno, Fr. Francisco do Coração de Jesus Cloots Vanzeller, José Inácio Roquette, Francisco Soares Franco Junior.

⁴ Maria de Lourdes Belchior PONTES, *A Oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa*, in Arquivo de Bibliografia Portuguesa, Ano VI, n^{os} 23-24 (Julho-Dez.), Coimbra, 1960, p. 107-151.

⁵ Não refere Bernardo Gomes o sermão de João Nunes da Cunha, pregado na Baía em 1701 e publicado em Lisboa dois anos depois. Ver nota 132.

Alto Minho, mestre universitário formado em Teologia que, entre as suas pregações manuscritas, deixou em honra de Santo Agostinho duas proferidas em Coimbra, na Igreja de Santa Cruz, em 28 de Agosto de 1594 e 1596, e publicadas em 1613, no volume *Sermões das Festas dos Santos*, postumamente aparecido⁶. Os temas retirou-os do cap. V do Evangelho de S. Mateus, *vos estis sal terrae, vos estis lux mundi*, e ajustou-os ao propósito de exaltar o Santo que, havendo sido grande pecador, bem mereceu o título que a Igreja, para animar os transviados a arrepiar caminho, lhe atribuiu: “sal na vida e luz na doutrina”⁷.

1.1. Alude, no exórdio do primeiro, à circunstância de ser Santo Agostinho tão rico em ensinamentos que, no decurso do ano, serve para “enfeitar merecimentos alheios”, o que corresponde a reconhecê-lo como o mais citado de todos os escritores eclesiásticos⁸. A sua divisa foi assumir-se “homem da verdade”, constituindo-se assim modelo de prelado e pregador — sal que se consome para aproveitar aos outros. O sermão converte-se, pois, no desenvolvimento das metáforas do sal e da luz em ordem à vivência de um ideal que parece andar arredio da sociedade do tempo. Afirma-o, sem reбуço, neste jogo de palavras: “Quem desenganasse Prelados que está o mundo sem sabor, porque o sal está inteiro. Há muytos Bispos, e muitas justiças são estatuas de sal, ha muito sal em estatua, e como estão inteiros não sabe o mundo a elle. Donde se entende que o pouco fruto que o sal faz na terra, avendo tanto, nace do sal não se desfazer, pera bem dos outros, antes trata de desfazer nos outros pera fazer em si”⁹. O egoísmo de semelhante conduta é verberado em tom que nos faz lembrar D. Fr. Bartolomeu dos Mártires: “Pastor que comes o melhor, e não te does dos mal vestidos, e que deixas o gado, que tu ouveras de apascentar à custa de teu suor e trabalho, es hua estatua de Pastor, e hua estatua de sal, que não prestas para ninguem, es Idolo pera querer ser adorado, e respeitado, mas pera aproveitar es estatua insensivel”¹⁰. Em engano resulta, desta

⁶ *Sermão I./Na Festa de Santo Agostinho./Coimbra no Mosteiro de Santa Cruz./Anno 1596*, in *Sermões das Festas dos Santos* [...] Tirados de seus originaes e ordenados pelo Licenciado Amador Vieira Prior de Santiago de Travanca no Bispado de Coimbra, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1613, fols. 234 v-247 v.

⁷ *Ibidem*, f. 234 v.

⁸ *Ib.*

⁹ *Ib.*, f. 236 v. Aliás, Santo Agostinho é frequentemente citado no *Estímulo dos Pastores*, ver vol. VIII das *Obras Completas*, Braga, ed. do Movimento Bartolomeano, 1981, p. 111-122 e passim.

¹⁰ *Ib.*

forma, o testemunho que dá, porque “habito sem frade, e insignia sem Bispo, que do frade, e que do Bispo”¹¹. O teor moralizante da pregação insiste na denúncia da vã glória dos que se deixam danar pelos cargos e na urgência da humildade aos que, tendo fazenda, não fiquem “altivos com ella”. E, ainda sentencioso, acrescenta que “nenhuma cousa he mayor destruição da virtude, que verse nos Ecclesiasticos os proprios males que Deos com elles mandava destruyr”, pois “as fraquezas que como homens cometem, desacreditão os ministros: mas os erros que se cometem no officio de pregar e governar desacreditão a ley de Deos, e estorvão diretamente a conversão e melhoria das almas”¹². Mais que palavras, importam exemplos. Não foram as lágrimas de Santa Mónica, sublinha o Dr. Francisco Galvão, nem a eloquência de Santo Ambrósio que converteram Agostinho, mas a vida de Santo Antão que lhe fez ver como “em hum espelho, quam errada andava a sua”¹³. Eis por que certa pregação ao gosto do ouvinte lhe merece o cortante remoque: grande mal “fazem ao povo, os que estudão mais pera concertar palavras e falar brando, que pera reprenderem os peccados”¹⁴. De notar que se chame a atenção para o facto de não ser a desautorização moral causadora da perda do officio, pois o ministro desacreditado não perde o poder de que está investido, o que provocaria ruptura social. Daí resulta não o direito de desprezá-los, antes o dever de se continuar a respeitá-los. No fundo, a validade da função ministerial residia na sacralização que se procurava salvaguardar, como, de resto, notou o próprio Santo Agostinho cuja doutrina, a propósito, cita: “inda que o Sacerdote não seja o que deve, nem por isso perde a honra devida a sua dignidade, nem vos a obrigação de o reverenciar e respeitar, e assim ouvereis de chorar qualquer falta do Ecclesiastico (quando a ouvera) e não pola na praça”¹⁵.

O segundo dever dos pregadores e prelados é serem luz do mundo. Mostrou-o Santo Agostinho com a santidade da sua vida e a “dor do tempo que gastou fora do serviço de Deus como patenteia nos *Solilóquios* e no desprendimento em que vivia. E, com mal velada crítica aos costumes da época, acentua que, à maneira do sal, “se desfazia pelo bem de todos, tam fora de cobiça de querer enriquecer com a fazenda dos pobres, que antes

¹¹ *Ib.*

¹² *Ib.*, f. 237 v — 238.

¹³ *Ib.*, f. 237 v. A revelação é do próprio Santo Agostinho e consta do c. VIII das Confissões.

¹⁴ *Ib.*, f. 238.

¹⁵ *Ib.*, f. 238 v.

-lhe deu de seu patrimonio grande parte, e depois ate os ornamentos e vasos da Igreja vendia pera lhe socorrer; e se alguém tinha parentes, e lhe deixava a herança tirandoa a elles não a aceitava”¹⁶. Não falta, obviamente, a exaltação da origem apostólica da regra agostiniana e, por consequência, o sublinhar da sua veneranda antiguidade. Isso lhe dá aso para salientar não ser ela “nova Religião” e condenar a disputa em curso sobre quais os verdadeiros filhos do egrégio Doutor, se os eremitas, se os cônegos regrantes, pois, irmanados pela mesma filiação, só terão direito a reivindicá-lo os que se parecerem com o Pai na virtude e no espírito. O exemplo invocado, índice da cultura humanista do orador, é haurido na proeza de Teseu, filho de Egeu e Etra, narrado por Plutarco, que preferiu ser reconhecido pelo pai, “não tanto pelo sinal da espada, como pela fama de seu valor, pois tinha por afronta fogir às occasiões em que podia mostrar ser filho de seu Pay”¹⁷. De resto, Santo Agostinho, além de prudente no governo eclesiástico, teve o mérito de dar “leys a todos os estados da Igreja, a Virgens escrevendo livro de *Virginitate*: às viuvas escrevendo livro de *vera viduitate*: aos casados livro de *bono conjugali*: aos frades livro de *opere Monachorum*: às molheres livro de *honestate mulierum*: aos Clerigos a regra dos Conegos regulares”¹⁸. Em suma: para glória da ordem bastaria ter sido cônego regular, em Osma, o grande patriarca S. Domingos, e, honra do mosteiro onde pregava, haver-se aqui criado “S. Antonio de Padua nosso natural”¹⁹.

1.2. O segundo sermão do Dr. Francisco Galvão procura, de uma forma notoriamente genérica, apresentar Santo Agostinho por modelo de quantos abraçam o estado religioso²⁰. De facto, toda a explanação dá ideia de ser o desenvolvimento de um texto-esquema que os oradores possuíam já preparado para depois o acomodarem em pregações afins. No caso, para as consagradas a um santo que a Igreja venerava como doutor e fundador de uma ordem monástica. A insistência na utilização da imagem do sal — “sal apostólico” — serve-lhe para sublinhar a exigência da vocação monacal, a que Santo Agostinho correspondeu em plenitude. O panegírico, porém, só na parte final atinge uma maior concretização biográfica ao referir-se-lhe como “grande filósofo” e pastor exemplar, cuja “doutrina

¹⁶ *Ib.*, f. 239 v.

¹⁷ *Ib.*, f. 240.

¹⁸ *Ib.*, f. 240 v.

¹⁹ *Ib.*, f. 241.

²⁰ *Ib.*, f. 241 v.

foy milagrosa, porque este Santo foy Mestre de todos, sem ser Discipulo de ninguem, e tão raro em seus escritos que trezentos e trinta e dous livros compos, nos quaes se mostra ser doutrina inspirada do Ceo que com humano engenho aprendida na terra”²¹. E a peroração termina com a costumada exaltação da ordem dos cônegos regrantes e do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ornado pela presença de Santo António e de S. Teotónio²².

2. O processo utilizado pelo pregador medievo, mais douto, de resumir em latim, num esquema-tipo, a matéria do sermão²³, para servir de leitura espiritual, como *lectio brevis* da hora coral, e de apoio à parênese corrente, de difusão em crescendo, prolonga-se na época seguinte, através dos “tratados” das festas e das quadras litúrgicas em vernáculo, com que os autores compõem sermonários que destinam a idêntico fim. É o caso do dominicano António Feo (1563-1627) que publicou em tomos vários parte dos seus textos, prioritariamente destinados ao púlpito²⁴. Encontra-se, na verdade, no relativo ao *Trattados das Festas das Vidas, dos Santos*²⁵, um da festividade de Santo Agostinho, dividido em quatro discursos, cada um subordinado a partes da perícopa 13 do capítulo V de S. Mateus, em que Cristo compara os Apóstolos ao “sal, luz, cidade edificada no alto e vela acesa posta no castiçal”, unidades expositivas, à maneira das constantes nos livros de meditações usados pelas comunidades monásticas. O primeiro fixa-se no hemistíquio *vos estis sal terrae, vos estis lux mundi*, sublinhando a recomendação evangélica de que “Para bom governo importa que ninguem tome o officio, a hõra, mas espere que o chamem para ella: nem convem que cá cada hum se faça, ou se escolha asy mesmo mas que aguarde que o fação, e o escolhão”²⁶. Daí asy mesmo, resultaria que os milagres que viesse a fazer apenas mostrariam “o quão digno era da escolha que nelle se

²¹ *Ib.*, f. 247.

²² *Ib.*

²³ Ver, por exemplo, o sermonário de Fr. Paio de Coimbra, dominicano do séc. XIII, apud Mário MARTINS, *O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5/ CXXX*, in *Didaskalia*, vol. III, 2 (1973), p. 355-356.

²⁴ Cf. Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, reed. da princeps [1741], Coimbra, Atlântida Editora, 1965, p. 267.

²⁵ Publicado em 2 partes: Primeira Parte, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1612; Segunda Parte, Lisboa Jorge Rodrigues, 1615, em que se encontra o *Trattado | da Festa | Do Glorioso Dou | tor Santo Agostinho*. | fls.154-162.

²⁶ *Ibidem*, f. 154 v.

fizera”²⁷. O perfil panegírico do primeiro discurso, assente no factual biográfico do Santo, principia a desenvolver-se com a escolha divina de Agostinho para bispo de Hipona e dos benefícios imediatos que a Igreja recebeu da sua apostólica actividade, logo após a conversão. Realça, a propósito, como inovação mencionada nos panegíricos parenéticos, dois méritos que se lhe devem: o primeiro, a circunstância de haver principiado a “desdobrar as escrituras, e a Theologia, e a aclarar as cousas da Fé que tẽ então se defendia com os milagres, e de Santo Agostinho para cá se começou defender com razões mais escolasticas, e foi o primeiro que reduzio a metodo e forma escolastica razões Theologaes, insinuando o que se avia de crer, o que se avia de disputar, com que lugares da Escritura se avia de defender, corroborar, e confirmar”²⁸; o segundo, de ilação algo forçada, ser o esteio da verdade católica, observando “que as mays das inquietações e heregias, que ouve no tempo de Santo Agostinho, teverão principio de homens, que se quizerão introducir em luzes, soes, Bispos, contra vontade da Igreja, e de Deos, e por satisfazerem a suas ambiçoens”²⁹. Por sua vez Agostinho, que contra a própria vontade fizeram bispo, se transformou no grande destruidor de doutrinas heréticas, sendo o ódio que os heresiarcas lhe moveram uma das suas maiores glórias³⁰.

O discurso seguinte fundamenta-se na sequência: *vos estis lux mundi*, a que o Santo Doutor fez inteiro juz por se haver julgado primeiro, para depois chegar até Deus, a fim de poder ajuizar os outros. Só os apóstolos o precederam na melhor provisão de luz e sal evangélico, que a ninguém melhor compete o título de sol, por sua vida haver sido “hum perpetuo curso em materia de salgar, e allumiar” e “com quem Deos em materia de saber não teve segredo algum”³¹. A referência à continuidade desta missão dá-lhe aso para enaltecer a família religiosa agostiniana que no “mundo todo em materia de insino, e reformação, por meo de suas pregaçoens, e de seus livros, em particular aos seus filhos, assy aos que elle espiritualmente gerou, como aos que depois o escolherão por pay, militando debaixo de sua regra, e modo de viver”³².

No terceiro discurso explana a parte final do versículo: *non potest civitas abscondi supra montem posita*, que modelarmente se lhe ajusta como pregador

²⁷ *Ib.*

²⁸ *Ib.*, f. 156.

²⁹ *Ib.*, f. 156 v.

³⁰ *Ib.*, f. 157.

³¹ *Ib.*, f. 157 v.-158.

³² *Ib.*, f. 158 v.

evangélico, pois na metáfora se identifica com a cidade colocada sobre o monte. Ornado, em grau ideal, das qualidades requeridas ao ministro da palavra de Deus, foi Santo Agostinho “hua muy populosa cidade, edificada sobre o alto, emperio de letras, e saber”³³. Recorda os livros que compôs para vários estados da vida religiosa e os contra as heresias, tão consumados em sua argumentação, que S. Jerónimo entendia que quem estivesse munido de seus escritos “não avia para que procurar outros”³⁴. Como pormenor curioso, filia a doutrina tomista na agustiniana e, confessando-se, reconhece, no entanto, que “de tal maneyra Santo Thomas se vestio de Agostinho, o bebo, a elle se accendeo, seguio suas opinioens e pareceres, que se fora verdadeira a opinião dos Pitagoricos, que affirmavão passarem-se as almas de huns corpos para os outros, disseramos que a alma de Santo Agostinho se passara para o corpo de Santo Thomas, e que o seu entendimento, engenho, memoria, capacidade de Agostinho erão”³⁵. O exemplo haurido da cultura clássica permite a Fr. António Feo, citando Séneca, rememorar a oferta do embaixador de Corinto a Alexandre Magno, imperador do mundo, a fim de acentuar o alcance desta filiação que acabava por traduzir, no pensar do orador, a honra que ele merece e o louvor que a mais ninguém se dá³⁶.

O discurso quarto é consagrado a encarecer gradativamente o quanto a Santo Agostinho lhe era devedora a Igreja. Antes de mais: o dom da humildade, como “he custume todos os Santos trazerem”; o ideal do perfeito pontífice que S. Paulo aponta; o desprendimento dos bens temporais; a caridade para com os mais necessitados; a hospitalidade; o amor e o temor de Deus³⁷. O teor panegírico da evocação exemplarista é, de resto, a que se encontra comumente noutros oradores, terminando por sublinhar: “são suas cousas taes e tantas, que me parece para se prègar delle bem, he necessario hum impossivel, como lerense neste dia todas as suas obras, por quanto por todas ellas esta espalhada toda a sua vida, nem esta cabia em menos livros escrevendo do amor de Deos”³⁸.

3. Outro sermão deste elenco de textos parenéticos, atrás citado, pertence ao portuense de ascendência fidalga, Fr. Luís dos Anjos (1573 ?

³³ *Ib.*, f. 159.

³⁴ *Ib.*, f. 159 v.

³⁵ *Ib.*

³⁶ *Ib.*, f. 160.

³⁷ *Ib.*, f. 160-160 v.

³⁸ *Ib.*, f. 162.

— 1625), então cronista da sua ordem, a dos eremitas descalços de S^o. Agostinho. Conhecido já por uma biografia em latim do Bispo de Hipona, saída em Coimbra, em 1612, e dois anos após editada em Paris, proferiu-o a 28 de Agosto de 1617, no púlpito coimbrão do colégio universitário de N^a. S^a. da Graça³⁹. O impresso foi dedicado ao prelado da diocese, D. Afonso Furtado de Mendonça, na altura arcebispo eleito de Braga⁴⁰.

O tema, extraído do evangelho de S. Mateus, precisamente da passagem que constitui uma das leituras da missa própria dos doutores, fixa-se na perícopa *sal terrae et lux mundi*, explorando-a em 2 sentidos: Sto. Agostinho, como luz do mundo, teve o dom da sabedoria em grau sumo para ensinar os hereges; e, como sal da terra, satisfaz com sua santidade os bons costumes e a piedade cristã. O teor laudatório intentado alicerça-se em referências à sua formação académica que o tornou perito nas artes liberais, aludindo à influência de Platão — “mestre pelo discípulo suplantado” — com quem aprendeu a escrever sobre o amor⁴¹. Insiste que da sabedoria divina usufruída fala toda a sua obra exegética, concionatória e teológica. As citações dos livros das *Confissões* e *Retratações* tendem a mostrá-lo como humilde condenado nesta vida para o não ser na outra⁴². De notar a referência que se faz ao modo de pregar *em sentido*, com base na interpretação da Sagrada Escritura, e *em línguas*, destinado a proclamar as grandezas de Deus, “com varios argumentos, e com muytas autoridades», comentando: a primeira usa a singeleza e a segunda a subtileza, “mas a pregação em sentido tras mais proveito, principalmente aos fieis a quem pertence, os quais antes querem palavras humildes, que os penetrão, que sermões doutos, que os admirão”⁴³. Por curioso, a evocação da morte edificante do Santo Doutor permite-lhe lembrar o prodígio ocorrido em Toledo no enterro do Conde d’Orgaz que motivaria a célebre tela de El Greco⁴⁴.

³⁹ Cf. Barbosa MACHADO, *Op.cit.*, III [1752], Coimbra, 1966, p. 56-57. Ver Licença do Provincial, in *Sermão...*, p. [2]

⁴⁰ *Sermão / Em Louvor / De Nosso Padre Sancto / Agostinho Bispo de Hyponia, & / principal Doutor da Igreja. / [...]*, Diogo Gomez Loureyro, 1618, p. [3] + 35 numeradas

⁴¹ *Ibidem.*, p. 6-7.

⁴² Cita, a p. 29, Petrarca, *De Vita Solitaria*, lib. 2.

⁴³ *Ibidem.*, p. 1.

⁴⁴ Relata o prodígio, ocorrido em 1338, na igreja de S. Tomé, orago da paróquia, em cujo dia, 21 de Dezembro, anualmente sempre prega e o recorda um dos frades da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Cf. *Ibidem.*, p. 34-35. É aí que se encontra hoje a famosa pintura de Greco.

4. Inserido no quarto tomo dos *Sermões Vários*, editado em 1686, do agostiniano Fr. Cristóvão de Almeida (1620-1679), que veio a falecer bispo titular de Martíria e coadjutor da Sé lisbonense⁴⁵, encontra-se o texto da pregação da “Conversão de Santo Agostinho”, no Colégio de N^{ra}. S^a. da Graça, em Lisboa, no dia da sua festa litúrgica, 5 de Maio, que na epígrafe se aponta haver sido o primeiro pelo autor pronunciado⁴⁶. Será de presumir, pois, que teria lugar, ao menos logo após a ordenação sacerdotal, por conseguinte talvez em 1644⁴⁷. O tema retira-o do versículo 3 do capítulo 17 do profeta Ezequiel: *Aquila grandis magnarum alanum venit ad Libanum, et tulit medullam cedri*, alusão ao epíteto emblemático do egrégio doutor: uma grande águia, “com duas azas de extraordinária grandeza, voou ao mais alto do monte Líbano, e hai colheo o melhor cedro”⁴⁸. Prescindindo explicitamente do sentido literal, o pregador toma o acomodatício por achá-lo mais ajustado a evidenciar todas as circunstâncias da solenidade: a conversão de Santo Agostinho, do maniqueísmo à ortodoxia católica, com a subsequente escolha do “estado da vida mais perfeita, que he a perfeição religiosa”⁴⁹. E esse fora o melhor ensejo para abraçar a “doutrina mais alta” e penetrar os mistérios mais divinos, e profundos como os “seus livros o certificação, e o mundo todo confessa”⁵⁰. O facto de pregar na presença do Santíssimo Sacramento, exposto em magestoso trono barroco de luzes e flores, é aproveitado para desfiar o rosário costumado de subtilezas retóricas, a principiar pela ambivalência do Cristo escondido e descoberto na conversão dos santos. Na verdade, a de Santo Agostinho revela-se diferente das demais por haver acontecido sem a presença corporal da pessoa de Jesus e apenas com as vozes de *tolle, lege*

⁴⁵ Ver: Barbosa MACHADO, *Op. cit.*, I, p. 569-570; João Francisco MARQUES, *A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668*, II, Porto, C.H.U.P./INIC, 1989, p. 323-328.

⁴⁶ *Sermam / da / Conversão / de Santo Augustinho. / Na festa que no seu dia 5. de Mayo fez o Collegio de Santo Au- / gustinho de Lisboa com o Senhor desencerrado. / Pelo Reverendissimo Senhor Dom Fr. Christovam d’Almeida, / & este foy oprimeiro Sermão que prégou em / sua vida*, in *Sermoens Varios [...]* Quarta Parte, Lisboa, Oficina de João Galvão, 1686, p. 171-194. Há, ainda, outra pregação a Santo Agostinho do mesmo autor: *Sermam / do Padre / S. Agostinho, / Pregado / em o Real Mosteyro de S. Vicente.*, in *Sermoens Varios [...]* Segunda Parte [...], Lisboa, Oficina de Antonio Pedroso Galvão, 1725, p. 235-267.

⁴⁷ Se, como informa Barbosa MACHADO (p. 569), professou em 10 de Julho de 1638, estaria ordenado em 1644. Daí a data conjecturada.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 172.

⁴⁹ *Ib.*, p. 173.

⁵⁰ *Ib.*

(toma e lê) sem a aparição física de quem as proferia⁵¹. Daí Cristo sacramentado assistir nesta festa “por obrigação e não por favor, por necessidade e não por fineza”⁵². Outra circunstância explorada é o facto do dia apontar uma retratação de pecados e as palavras de Ezequiel uma relação de grandezas. Converge o desenvolvimento da antítese para justificar o tema do discurso: as duas maneiras por que em sua conversão Santo Agostinho foi grande — “pelo muito que Deus fez por amor dele e ele por amor de Deus”⁵³. No signficante, “águia grande de grandes asas”, se detém o orador em seu discorrer cultista, a fim de enfatizar a interpelação: não bastava o profeta encarecer a águia que voava, para explicar a grandeza das suas asas⁵⁴? Porém, se na primeira afirmativa estivesse explicada a segunda, por que acumular palavras? A resposta, logo adiantada, será: não foi para acumular sinónimos, mas para declarar mistérios e descobrir sacramentos. E, com agudezas e hipérbolos, quiasmos e antíteses, segue a pregação sobre Santo Agostinho convertido que veio alcançar pelos pecados o que outros alcançaram pelas virtudes. Entrelaçam-se cotejos entre os mistérios da eucaristia e a encarnação, a conversão de S. Paulo e do bom ladrão num tumultuar de argumentos e sofismas com prevalente preocupação pragmática, mas com prolixo discorrimento, apesar da correcção de linguagem.

5. Ainda que só integrado na edição *princeps* de seus sermões, há que mencionar cronologicamente, a conhecida pregação do Pe. António Vieira (1608-1697), no convento de S. Vicente de Fora, também na celebração litúrgica do Santo, no ano de 1648, apenas oito anos após o golpe restauracionista⁵⁵. Nenhuma referência, porém, se vislumbra aos condicionalismos políticos do momento na versão publicada de que dispomos. O pendor moralizante do discurso é por demais evidente e a preocupação de se esquivar um modelo do prelado eclesiástico — bispos ou superiores de religiosos — parece ser um dos objectivos particularmente visados. Há, contudo, uma alusão crítica e indirecta talvez a polemistas

⁵¹ *Ib.*, p. 174.

⁵² *Ib.*, p. 173.

⁵³ *Ib.*, p. 175.

⁵⁴ *Ib.*, p. 176.

⁵⁵ *Sermam / de / S. Agostinho, / Pregado / Na sua Igreja, & Convento de S. Vicente de / Fora. Em Lisboa. Anno de 1648*, in *Sermões*, III, Lisboa, Of. Miguel Deslandes, 1683, p. 97-145. Na edição do P. Gonçalo, t. VIII, vol. III, publicada pela Livraria Lello, Porto, ed. de 1959, p. 177-224.

políticos coevos, frequentes entre nós na conjuntura que se atravessava. Com efeito, confessa ao terminar, deseja ser útil no que disse aos “vizinhos do bairro” por ver como alguns são renitentes no retratar-se, sobretudo do que escrevem⁵⁶. Recorta, do referido capítulo V de S. Mateus, o versículo: *Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est*. Acomoda-o a S^o. Agostinho, dizendo estar por ele explicado e com ele implicado, enquanto doutor e santo que é. Daí a famosa afirmação com que iniciara o sermão: ele é o maior santo entre os doutores e o maior doutor entre os santos⁵⁷. A intenção de Cristo, expressa por S. Mateus naquele lugar selecto, seria espelhar em suas palavras o doutor e o santo exemplares — modelo acabado do prelado eclesiástico que devia possuir ciência, dada a obrigação de ser douto, e virtudes, pela necessidade de ser santo⁵⁸. A estrutura do sermão assenta em aparente paradoxo, dinamizado pelo jogo antitético — processo bem comum na época. Na verdade, detém-se com alguma largueza a demonstrar por meio de testemunhos autobiográficos, que, em vez de ciência e doutrina, Santo Agostinho se lançara a expor erros e ignorâncias; e, em lugar de virtudes, descera a descrever faltas e pecados⁵⁹. Fora o que sucedera no livro das *Confissões* e no das *Retratações* — como se o móbil maior fora o debitar *erratas* de uma vida e de uma ciência⁶⁰. E, através de sete circunstâncias, justifica a atitude do Santo que, na convicção da sua fê e na humildade do seu arrependimento, pretendia mostrar-se rigoroso consigo à vista do temor que lhe infundia o juízo universal de Deus⁶¹. Assim motiva a encomiástica apologia do Santo Doutor que se confessa nas *Confissões* e reconsidera nas *Retratações* onde vemos Agostinho contra Agostinho no exhibir de erros, emendas e ignorâncias⁶². Por isso, considera ser este o livro mais humano e maravilhoso que compôs, bem digno de constituir, afirma Vieira, a coroa de todos — dos 118 que de sua pena saíram⁶³. O escopo moralista do sermão é ressaltado na preocupação de sublinhar o respeito

⁵⁶ *Ibidem*, p. 141.

⁵⁷ *Ib.*, p. 97.

⁵⁸ *Ib.*, p. 99.

⁵⁹ *Ib.*

⁶⁰ *Ib.*, p. 99-101.

⁶¹ *Ib.*, p. 114-116. Vieira disserta ao longo de todo o § V, p. 110-116, sobre o sacramento da Confissão, percorrendo entre o apologetico e o psicológico.

⁶² *Ib.*, p. 131.

⁶³ *Ib.*, p. 117 e 135.

que o intelectual deve ter pela verdade, aliás bem ilustrado pelo comportamento ético assumido pelo Santo após a conversão.

6. Na senda destes sermões, deparamos com o proferido pelo eremita agostiano Fr. Simão da Graça (1600-1682), na igreja de seu convento em Goa, no dia 28 de Agosto de 1655, na presença do governador Conde de Sarzedas, em maré difícil para a Índia. Pregou-o diante do Santíssimo Sacramento, solenemente exposto pelas necessidades que aquele Estado atravessava⁶⁴. Sabe-se que Fr. Simão, muito novo ainda, acompanhara seus pais à Índia Oriental, professando, no ano de 1621, naquele preciso mosteiro em que veio a ser o Reitor do colégio que a ordem aí instituirá⁶⁵. Barbosa Machado não refere este sermão, embora mencione a colectânea, *Panegíricos das Festas de vários santos*, aparecida em Lisboa, na oficina de João da Costa, em 1672. No próprio texto se declara que foi pregado na solenidade litúrgica de S^o. Agostinho. Toma o orador por tema o versículo do cap. V do evangelho de S. Mateus — *Neque accendunt lucernam et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum ut luceat omnibus qui domo sunt* —, propondo-se traçar os louvores do Santo, como tantas vezes fizera naquele mesmo lugar⁶⁶. Os referentes lucerna, luz e cidade são escolhidos como elementos estruturantes do discurso cujo fio é artificialmente encaminhado para esboçar o perfil do verdadeiro prelado eclesiástico, tópico comum destas pregações.

⁶⁴ *Sermam / Do Grande Patriarcha / S. Augustinho, [...]*, Lisboa, Oficina de João da Costa, 1672, 24 p.. Note-se que o vice-rei D. Rodrigo Lobo da Silveira, Conde de Sarzedas, nobre que pertencera ao Conselho da Guerra, tendo embarcado em Lisboa, a 23 de Março de 1655, chegou a Goa em 21 de Agosto. Vinha repor a legalidade governativa no Estado da Índia, pois um grupo de fidalgos, que prendeu, havia destituído o vice-rei D. Vasco de Mascarenhas, Conde de Óbidos, a 22 de Outubro de 1653, substituindo-o por A. Brás de Castro, o intruso ou usurpador, que o Conde de Sarzedas depôs em 22 de Agosto de 1655. Não pôde, porém, realizar inteiramente os objectivos que visava, pois faleceu a 13 de Janeiro de 1656, não chegando a libertar Ceilão dos holandeses contra os quais preparava uma armada, cujo comando tencionava assumir. Ver: António Caetano do AMARAL, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. V, Coimbra, Atlântida Livraria Editora, 1948, p. 140; P. Ernesto SALES, *Vice-Reis e Governadores da Índia Portuguesa, desde 1505 a 1910*, in *Revista de História*, vol. X (1921), p. 211.

⁶⁵ Nasceu em Ciudad Rodrigo de pais portugueses e publicou 2 sermonários: um consagrado às festas de vários santos e outro às Tardes Quaresmais. Cf. Barbosa MACHADO, III, p. 717.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 3.

À semelhança da tocha, lucerna acesa e cidade sobre o monte, pretende que ele seja imitador de Cristo, quer no *pavio* do seu poder, quer na *luz* do seu saber e na *cera* do seu amor⁶⁷. A lucerna é pretexto retórico para o panegírico do Santo, com base nas metáforas do sal e da luz. A exploração da simbologia nada tem de original. Se o sal provém da água e do calor do sol, que nos corações desencadeia o amor, a chama, por sua vez, espalha a claridade e assume-se como signo do saber⁶⁸. No título e brasão da cidade, assente sobre o monte, descobre-se o poder que a defende dos perigos e atemoriza os inimigos⁶⁹. Factos hagiográficos, aureolados de maravilhoso, e o recurso à emblemática proporcionam-lhe um perfil do Santo — sacramentado com Cristo no poder, no saber e no amor — que mergulha no hiperbólico e recorre às subtilezas próprias do processo barroquista.

7. O beneditino Fr. Rafael de Jesus (1614-1693) reuniu no volume *Sermões Vários*, publicado em 1670, a pregação que fez no mosteiro de Nandim, em dia de Santo Agostinho desse mesmo ano⁷⁰. Mais uma vez o versículo 13 do cap. V de S. Mateus é escolhido para tema: *vos estis sal terrae, vos estis lux mundi, civitas supra montem posita*. O recorte literário do discurso é modelarmente barroco, do exórdio à peroração, pois todo o explanar assenta no desenvolvimento da artificiosa asserção fundada na crença gentia de que o imperador Augusto pareceu, entre os homens, Deus e, entre os deuses, homem: S. Agostinho, que aos homens, na Terra, pareceu Deus, entre os santos do céu a Deus se parecia⁷¹. Os tópicos estruturantes do panegírico ilustram os referentes sal, luz e cidade, atribuídos ao Santo Doutor que foi: sal por natureza, porque sal da terra; luz por graça, porque luz do mundo; cidade por ofício, porque colocada sobre o alto. Perfilha, porém, a interpretação da maioria dos comentadores bíblicos

⁶⁷ *Ib.*, p. 4.

⁶⁸ *Ib.*

⁶⁹ *Ib.*

⁷⁰ Nascido em Guimarães e falecido em Lisboa, professou no Mosteiro de S. Bento da Vitória, no Porto, a 2 de Maio de 1629, sendo, em 1681, nomeado cronista-mor do reino. Cf. Barbosa MACHADO, III, p. 632-633. Encontra-se este texto in *Sermões Vários* [...] Pregados pelos annos de 1668, 669, & 670 [...], Bruxelas, Baltasar Vivien, 1674, p. 219-242: *Sermão / Do Patriarcha Sancto Augustinho, em / o seu dia com o Sanctissimo Sacramento manifesto. / Pregado em o seu Mosteiro de Nandim. / Anno 1670*. Pertencia este mosteiro à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, e encontrava-se na freguesia de Nandim ou Landim, Arcebispado de Braga.

⁷¹ *Ibidem*, p. 222.

desta passagem evangélica que são unânimes em ter Cristo assim considerado os apóstolos “que eram sal, pelos martírios, que haviam de padecer; luz, pela doutrina a ensinar; cidade, pela dignidade a possuir”⁷². O teor sentencioso do sermão é saliente e a intencionalidade política mal disfarçada, pois é claro ao advertir que Jesus não falava, na altura, apenas como mestre, mas também como príncipe que tinha escolhido os apóstolos para os maiores postos da Igreja. E, a propósito, logo adverte: “Os lugares não fazem os homens, os homens são que fazem os lugares. O poder dará o lugar, mas não pode dar o talento”⁷³. O perfil encomiástico do discurso enlaça-se com o moralizante. A utilização do factual biográfico adequa-a à linha probatória do discurso em sua tripartição simbólica. Assim, ser sal por natureza é dar sabor a todas as coisas a qual, se for humana, deve interrogar--se sobre toda a criatura, sendo, para isso, necessário que tenha consciência da sua própria fragilidade, a fim de se poder tornar no alicerce do edifício a erguer. Adverte o pregador que as faltas pessoais mais avisam para emenda do que acusam para a culpa⁷⁴. Ser luz pela graça é sê-lo pelas virtudes onde se espelha a santidade. Ao fazer Deus tão grande luz da sua Igreja a Santo Agostinho, não o criou “para constituir nova religião de frades, senão para reformar a antiga religião dos Clérigos”⁷⁵. Motivo por que não foi “luz nascida”, mas “sol reformado”, cuja descendência é a religião dos cônegos regnantes que uma infinda legião de homens ilustres deu à Igreja⁷⁶. Ser cidade posta sobre o monte da dignidade é erguer-se como fortaleza para defender e exemplo para imitar. Nem doutra forma concebia o Santo o ofício eclesiástico, pois, se “fugia do lugar enquanto para si era dignidade, aceitou a dignidade enquanto para o próximo era cargo”⁷⁷. Porque era “Cidade de Deus”, escreveu a *Cidade de Deus*. No seu paço episcopal “gastou a vida em admiráveis obras de virtude em que se exercitou; aqui eternizou a vida em inumeráveis livros que escreveo, sendo em huas e outras obras tão admirável, que só Augustinho foi maior que suas obras”⁷⁸. Sobrepuja-as a de todos admirada e não suficientemente encarecida, *Solilóquios*, “em a qual falando só

⁷² *Ib.*, p. 223.

⁷³ *Ib.*

⁷⁴ *Ib.*, p. 234.

⁷⁵ *Ib.*, p. 236.

⁷⁶ *Ib.*, p. 237.

⁷⁷ *Ib.*, p. 240.

⁷⁸ *Ib.*

consgo, ensinou a todos a falar com Deos”⁷⁹. E remata o panegírico afirmando que, se imortal o fazem suas obras, foi preciso morrer para parecer mortal.

8. Convidado pela comunidade dos Cónegos Regrantes para pregar no Mosteiro de S. Vicente de Fora, a 28 de Agosto de 1677, o jesuíta Manuel da Silva (1628-1709) deixou-nos o texto do sermão de Santo Agostinho, na altura proferido, no primeiro tomo da *Sylva Concionatoria*, consagrada aos panegíricos⁸⁰.

No cap. VIII de S. Mateus encontrou o tema ao escolher a perícopa: *Hic magnus vocabitur in regno coelorum*, apropriada para exaltar as grandezas do Santo Doutor, “tanto à mão” em suas próprias mãos, como se vê em sua imagem esculpida, no coração e templo, símbolos da santidade e sabedoria divina. Jogando com a surpresa do contraste, à boa maneira barroca, contido na subtileza da argúcia, lembra o orador como Deus de “hum tam profundo abismo de vícios, e precipicio de erros”, à semelhança da águia — título que por inteiro se lhe ajusta —, do profundo dos vales se levanta ao mais alto dos montes: o “homem a quem Deus muda, e troca o coração não pode deixar de se achar trocado em outro homem”⁸¹. E a exploração do paradoxo — no coração golpeado de caridade e amor de Deus, vêem-se, em simultâneo, as chagas da sua alma que são os seus pecados — converge na prova de que é isso mesmo que o faz grande na santidade, ao contrário de todos os outros santos⁸². Eis por que os livros das *Confissões*, precisamente por contarem os seus pecados, como se fossem virtudes, servem para “excitar, e encaminhar para Deus os pensamentos, e affectos dos homens”⁸³, o que, no fundo, é transformar a matéria de escândalo em edificação. Esta será a singularidade que o faz santo⁸⁴. A falta

⁷⁹ *Ib.*, p. 241.

⁸⁰ Nascido na freguesia de Ega, diocese de Coimbra, e falecido na Casa Professa de S. Roque, foi, ao tempo, um reputado pregador. Cf. Barbosa MACHADO, III, p. 374. Deixou impressa uma colectânea de sermões, em 5 tomos e não em 4 como escreveu o autor da *Bibliotheca Lusitana*, intitulada *Sylva Concionatoria*. O texto presente encontra-se na “Primeira Parte Panegirica”, com sermões pregados em várias festividades: *Sermão / De S. Agostinho / Na sua Igreja de São Vicente de Fóra em Lisboa, 28 de Agosto de 1677.*, in *Sylva Concionatoria*, t. I, Lisboa, Of. de Miguel Deslandes, 1698, p. 76-105.

⁸¹ *Ibidem*, p. 79.

⁸² *Ib.*, p. 80-86.

⁸³ *Ib.*, p. 87.

⁸⁴ *Ib.*, p. 89.

de milagres, que lhe anotam os seus biógrafos, é pura miopia, pois não reparam que “de todos os milagres que se podem contar de hum homem, o maior milagre he o mesmo homem”⁸⁵. Não lhe escapa, porém, o expediente artificioso, a que na emergência pode recorrer, a fim de superar a dificuldade aparentemente pretextada: nas paredes do magnífico templo onde prega não faltam prodígios para engrandecer a santidade de Agostinho, mesmo que sejam pinturas com milagres de Nossa Senhora do Pilar⁸⁶.

A segunda grandeza do Santo é a sua sabedoria que o faz único na Igreja de Deus, pois não há outro “que possa correr parelhas com o subido do seu engenho”, a ponto de Secundino Maniqueu o considerar “Deus de toda a sabedoria, ou eloquência”⁸⁷. E o trocadilho surge de imediato a alimentar a explanação: “não tendo igual, se iguala a todos”, i.e. sabia pôr-se “no andar dos mais rudes, e tardos espiritos”⁸⁸. Mais: nas suas *Retratações* retrata opiniões, confessa que errou e, se tal acontece, antes o ignorava. Ora a maior humilhação para um sábio é darem-lhe a conhecer os seus erros, as suas ignorâncias. Erra, contudo, quem assim pensa. Prova a afirmação servindo-se da metáfora do sol que, no relógio de Acáz, suspende o seu curso para Ocidente e desanda para Oriente donde havia partido. O prodígio está nessa inversão do natural, nesse voltar atrás contra a ordem da natureza. Foi o que se passou com Santo Agostinho, “sol de mais admiravel intelligencia, e sabedoria”⁸⁹. Na verdade, nos Livros de suas *Retratações* em que volta atrás, revê afirmações feitas, opiniões ditadas, erros cometidos, é mais prodigioso do que ao discorrer sobre os altos mistérios da Santíssima Trindade e os profundos discursos da *Cidade de Deus*⁹⁰. A terceira grandeza é a da sua maior glória. Recordá-la é cumprir um convencional dever a que, na circunstância, os pregadores não se furtavam: elogiar os promotores da solenidade — a comunidade dos Cónegos Regrantes de S. Vicente de Fora, ilustre e reformada, para que aponta o dedo do Santo, relíquia vinda do Mosteiro de S. Pedro de Pavia para esta congregação onde permanece o seu genuíno e verdadeiro espírito⁹¹.

⁸⁵ *Ib.*, p. 90.

⁸⁶ *Ib.*, p. 90-91.

⁸⁷ *Ib.*, p. 93.

⁸⁸ *Ib.*, p. 94.

⁸⁹ *Ib.*, p. 96.

⁹⁰ *Ib.*, p. 97.

⁹¹ *Ib.*, p. 104.

9. O cónego regante de S^{ta}. Cruz, minhoto de origem e professo em Refojos do Lima, D. António dos Mártires (1638 ?-1696), é autor de um sermão pregado em Coimbra no mosteiro da Ordem, na festividade anual de 1680⁹². Doutor teólogo e reitor do Colégio novo, então inaugurado, dedica-o ao bispo do Algarve, D. José de Meneses⁹³. O tema, como os demais, é retirado do Evangelho da missa e concentra-se na perícopa *vos estis lux mundi*. O panegírico de claro matiz cultista usa, até à saciedade, a metáfora da luz, a que Cristo recorreu ao falar de si e ao referir-se aos apóstolos e à sua missão no mundo. Santo Agostinho fora, afirma o orador, lucerna única na singularidade do luzir e do arder, como luz da Igreja, águia dos doutores e fênix dos amantes⁹⁴. A simbologia dos significantes permite-lhe sublinhar os pretendidos significados: o luzir dos doutores presente no entender e o ardor dos apóstolos que remete ao amor. A nota de singularidade, patente no comportamento do Santo, serve-lhe para equacionar os dois vectores do discurso. Agostinho foi, di-lo com ênfase, único quanto ao caminho seguido entre o luzir e o arder, o entender e o amar, desígnios sublimados quando enveredou pela ordem da graça, ao converter-se. Isso levou-o a aperceber-se dos erros da natureza⁹⁵. Singular foi, ainda, quanto ao excesso no arder e luzir, exactamente pelos mesmos passos que pareciam conduzi-lo à diminuição das luzes e ardores da ciência, que os santos chamam imagem da divindade, e lhe proporcionou sair vitorioso nas controvérsias com maniqueus e pelagianos⁹⁶.

10. O agostinho eremita descalço, João de Nazaré, do Convento da Graça, de Lisboa, onde professou em 1646, mas oriundo de Castelo de Vide, foi, ao tempo, pregador de larga aceitação⁹⁷. Da sua actividade no púlpito, porém, só nos restam 3 sermões impressos de que um é dedicado precisamente a S^{to}. Agostinho, saído sem data do prelo lisbonense de Miguel Deslandes⁹⁸.

⁹² Cf. Barbosa MACHADO, I, p. 324.

⁹³ *Sermam / Do / Patriarcha S. Agostinho / que no seu dia de 28 de Agosto do anno de 1680 [...]*, Coimbra, Of. de José Ferreira, 1680, 27 p.

⁹⁴ *Ib.*, p. 5.

⁹⁵ *Ib.*, p. 5-7.

⁹⁶ *Ib.*, p. 16-17.

⁹⁷ Cf. Barbosa MACHADO, II [1749], Coimbra, Atlântida Editora, 1966, p. 708.

⁹⁸ *Sermam / Do / Insigne / Doutor da Igreja. / & Patriarcha dos Eremitas, / Santo Agostinho, / Que no seu Dia Pregou[...]*, Lisboa, Of. de Miguel Deslandes, s/d, 28 p.

A sua leitura nada nos revela de novo, nem quanto ao assunto nem quanto ao processo retórico perfilhado. A mesma perícopa de S. Mateus — *vos estis lux mundi* — lhe serve de tema. Os louvores do Santo são argamassados com empolamentos e redundâncias em que o barroquismo coevo era pródigo. Assim, no exalçamento que pretende fazer do Santo aponta-o como a maior luz da Igreja, o mais insigne doutor, o mais esclarecido patriarca de religiões, o anjo do grande conselho, o querubim da mais alta inteligência, o serafim do mais abrasado amor, o milagre das ciências, o prodígio da graça⁹⁹. Eis a enunciação das duas linhas do seu discurso: Agostinho, embora luz criada, foi o que se pareceu mais com a divina; os incêndios dessa luz, provocados pelo fogo do amor divino, acabaram por exceder tudo o de que a luz criada era capaz¹⁰⁰. Não surpreende, pois, que o sermão gire, enfática e soporativamente, à volta do díptico banalizado: Santo Agostinho foi o patriarca da maior luz e o amante do maior incêndio.

11. Será curioso notar que vêm do Brasil os cinco sermões últimos, ainda por referir. Motivou-os a celebração litúrgica de Agosto, que o hospício dos eremitas descalços de S^{co}. Agostinho solenizava anualmente na sua igreja de N^a. S^a. da Palma, na cidade da Baía.

11.1. Atente-se em que o primeiro, pregado a 28 de Agosto de 1697, é atribuído ao beneditino D. José da Natividade (1649-1714), doutor teólogo da sua província brasileira e abade do mosteiro de S. Sebastião da Baía-de-Todos-os-Santos. Natural do Rio de Janeiro, frequentara a Universidade de Coimbra para obtenção da láurea doutoral¹⁰¹. Era apodado de subtil, pela fama grangeada na docência e nas consultas dadas sobre matérias do foro interno, sendo, quando morreu, em 1714, provincial da ordem¹⁰². Barbosa Machado, ao que se infere por mera gralha tipográfica, dá o sermão impresso em 1658, quando deveria indicar 1698 como o ano da sua publicação¹⁰³.

De novo nos aparece a consabida perícopa: *Vos estis lux mundi*, escolhida para tema. Ter sido S^{co}. Agostinho sol da Igreja de Cristo é a

⁹⁹ *Ibidem*, p. 4.

¹⁰⁰ *Ib.*, p. 5.

¹⁰¹ Cf. Barbosa MACHADO, II, p. 881

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ *Sermão / Do / Gloriosissimo / Patriarcha, & Doutor / Santo Augustinho*, [...], Lisboa, Imprensa de Bernardo da Costa de Carvalho, 1698, 23 p.

matéria explanada no panegírico que, de resto, se desenvolve com agudezas conceitistas baseadas numa aproximação comparativa ao mistério da Trindade nas processões e actividades das pessoas divinas¹⁰⁴. Recorre o pregador aos conhecidos lugares-comuns. A metáfora de sal da igreja, afirma-o, fora exaustivamente explorada por S. Tomás de Villanova, em sermão célebre, que vários oradores tomam como fonte bibliográfica¹⁰⁵. Por isso, prefere antes considerá-lo, na circunstância, sol, que o é também, e em cujas chamas, esplendor e luz, com singular semelhança, admiravelmente se reflecte a essência da Trindade, de que Agostinho se credita como o maior e mais sublime defensor¹⁰⁶. No sol, de facto, não só resplandece a unidade de Deus como, em suas três formas ou qualidades — luz, esplendor e calor —, as pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo¹⁰⁷.

11.2. O segundo deste grupo de pregadores, com 3 sermões proferidos no mesmo púlpito da Baía e, ao que parece, sucessivamente em 1698, 99 e 1700, é Ruperto de Jesus (1644-1708), outro monge beneditino.

Pernambucano de origem, tendo professado na abadia de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde ensinou, cursara teologia em Coimbra, o que o habilitou para qualificador do Santo Ofício e diversos cargos na hierarquia da ordem¹⁰⁸.

Vários sermões publicados se lhe conhecem, embora, de momento, nos interessem os consagrados a S^o. Agostinho. A titulação de sabor gongórico está patente no rosto da edição impressa em Lisboa na oficina de António Pedroso Galvão, no ano de 1700: “*Tres sermoens panegyricos com o mesmo thema, do grande, e mais que grande Patriarcha S. Agostinho, sempre aureo, porque sempre Aurelio; sempre Augusto, porque sempre Agostinho*”. O mecenas abonador da publicação foi o Sargento-Mor da Baía, Francisco Calmon, irmão do bispo confirmado de S. Tomé, frade dos eremitas

¹⁰⁴ Segundo os teólogos, *processões* são emanções inteligíveis originadas na própria essência divina donde resultariam as pessoas do Filho e do Espírito Santo que com o Pai constituem o mistério da Santíssima Trindade. Sobre o tema e o pensamento de Santo Agostinho, ver Fernando Carvalho CORREIA, *Processão*, in “Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura”, XV, Lisboa, 1973, cols. 1144-1148.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 4.

¹⁰⁶ *Ib.*, p. 15,17.

¹⁰⁷ *Ib.*, p. 13-17.

¹⁰⁸ Barbosa MACHADO, *Op. cit.*, III, p. 665-666.

descalços, ao tempo superior do Hospício que a ordem mantinha na dita cidade¹⁰⁹.

11.2.1. Do capítulo V de S. Mateus e do referido versículo apenas colheu para tema do sermão inicial a expressão “*magnum vocabitur*”¹¹⁰. Não deixa, porém, de aludir, logo na primeira pregação, ao hábito de se ir buscar a essa passagem novi-testamentária, para acomodar ao Patriarca S^o. Agostinho, a perícopa *sal terrae*, por haver curado, explicita o orador, e preservado os homens com sua doutrina¹¹¹. Só que ele é também verdadeira *cidade*, vistosa nos montes da santidade, *tocha* em cima do castiçal da Igreja, sal correcto pelos erros e heresias dos maniqueus, que retractou em escritos e reparou com penitências que lhe alcançaram grande glória¹¹². Todavia, não se limitará a repetir, como tantos, que Agostinho é grande, pois intentará mostrar a razão, embora confesse que ninguém a consiga explicar. Por isso mostrará neste sermão que ele é *grande doutor e grande padre* da Igreja. Para tal, glosará o comentário exegético de Cornélio a Lápide à citada passagem evangélica referida aos doutores da Igreja. Na verdade, se S. Gregório é denominado, por antonomásia, grande, Santo Ambrósio, o maior, e S. Jerónimo, o máximo, S. Agostinho excede-os a todos por haver sido o retrato da Trindade e, como ninguém, ter alcançado a melhor inteligência desse mistério¹¹³.

Grande padre, continua o beneditino Ruperto de Jesus, foi-o ainda à semelhança do patriarca Abraão de quem gentes, nações e famílias saíram. Com efeito, em seus dois filhos, Isaac e Ismael, foram pré-figuradas as ordens dos eremitas e a dos cônegos regrantes¹¹⁴. Em Ismael, por haver habitado em lugares ermos, alimentando-se de grão e água, as primeiras; a última, em Isaac, por ter sido dotado com muitos bens, possessões e riquezas¹¹⁵. Era notório, como se vê, a alusão aos cônegos regrantes como

¹⁰⁹ D. Fr. António Penha de França foi nomeado bispo de S. Tomé em 5 de Outubro de 1699 e faleceu em 1702. Cf. Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, ed. de Damião Peres, II, Porto-Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1968, p. 718.

¹¹⁰ *Primeyro / Sernam / do Grande Doutor, e Grande / Padre da Igreja e Glorioso / Santo Agostinho, / Prêgado no Hospício dos Eremitas Descalços da Bahia*. [...], p. 5-26.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 5.

¹¹² *Ib.*, p. 6.

¹¹³ *Ib.*, p. 8.

¹¹⁴ *Ib.*, p. 19.

¹¹⁵ *Ib.*

grandes proprietários de terras¹¹⁶. Na sequência da argumentação, evoca a particularidade dos hábitos monacais, com destaque para a correia à volta da cintura e as sandálias nos pés¹¹⁷. Recorre então ao contraste antitético, em que a simbologia da correia passa a ser o referente escolhido, para dirimir a superioridade reivindicada por cada uma das ordens agostinianas¹¹⁸. Decide-se, compreensivelmente, dado pregar em mosteiro e a convite dos eremitas descalços, em favor destes que, missionários evangélicos, como acentua, percorrem o mundo de pés nus¹¹⁹.

11.2.2. O sermão segundo é estruturado em redor da imagem do príncipe e do principado e das metáforas do sol e da fénix¹²⁰. E novidade alguma haveria para assinalar, se não fora um cotejo entre Agostinho e a Eucaristia, aliás recurso retórico comum nestes sermões. Com efeito, o sacramento do Altar, recorda-o, sobreleva todos os outros por os conter e iluminar. O mesmo, de certa forma, se dá com S^o. Agostinho que todos os pontos e matérias da fã toca e sobre todos discorre até subir à essência de Deus¹²¹. Daí o ser denominado sol, gigante em sua grandeza. A razão porque é príncipe, continua o orador, dispondo de principado, encontra-se no facto de numerosíssimas comunidades de religiosos haverem escolhido seguir a sua regra monástica, ainda que seus filhos legítimos sejam os cónegos regrantes e os eremitas descalços e calçados¹²². A alusão dá-lhe ensejo de se referir, de novo, ao trabalho missionário desenvolvido pelos membros da família religiosa a que pertence o Hospício da Baía, onde prega, desde o Oriente à África e América espanhola¹²³.

11.2.3. A última destas pregações destinava-se a provar que Santo Agostinho é tão grande príncipe como fénix¹²⁴. O intuito seria cobrir,

¹¹⁶ A resenha dos recursos patrimoniais e rendimentos de agostinhos calçados, descalços e crúzios, em Portugal, ver: “Bens”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, dir. de Banha de Andrade, II, Lisboa, Editorial Resistência, 1983, p. 604-613 e 642-650.

¹¹⁷ *Ib.*, p. 21-22.

¹¹⁸ *Ib.*, p. 23.

¹¹⁹ *Ib.*

¹²⁰ *Segundo / Sermam / do Grande Príncipe / Agostinho, / & tão Príncipe como o Sol, [...]*, p. 27-51.

¹²¹ *Ibidem*, p. 37.

¹²² *Ib.*, p. 40.

¹²³ *Ib.*, p. 43-46.

¹²⁴ *Terceiro / Sermam / do Grande Príncipe / Agostinho, / tão Príncipe como o Feniz [...]*, p. 55-73.

através desta metáfora, o domínio do amor místico em que, para si, o bispo de Hipona excedera os de mais santos. Por isso, ao tomá-la como referente simbólico, dirá que ele, à semelhança da ave mítica, se abrasara nas chamas do amor divino para de novo renascer¹²⁵.

Dois pontos, neste discurso sacro, se recuperam dos anteriores: o da singularidade de Agostinho, doutor e santo, e o cotejo deste com o sacramento eucarístico. Os desenvolvimentos consagrados à temática do amor místico baseiam-se no glosar da resposta do Santo durante uma visão, por outros oradores também referida, que parafraseia a célebre confissão de S. Pedro a Cristo depois da Ressurreição: “*Agostinho amas-me?*”¹²⁶. A intenção é clara: trata-se de enaltecer a excelência da santidade que lhe é atribuída. As expressões demasiado formalistas e hiperbólicas quase roçam o ridículo, sobretudo quando se pretende com elas explicitar as finezas impossíveis do Santo que contêm, como afirma o orador, os requintes do seu amor místico que o fizeram aspirar a ser maior do que a humana criatura que era¹²⁷. E o sermão termina com um paralelo onde Santo Agostinho — fénix do amor — é equiparado aos serafins que na corte celeste ocupam o melhor lugar¹²⁸. Com efeito, se nestes se podem ver representados os doutores e sábios, nas potestades os pais e prelados e nos principados os príncipes, nos serafins está a fénix do amor — Agostinho de Tagaste¹²⁹. Desculpa-se, na peroração, pela pobreza do que dissera em matéria tão ambiciosa, mas por três vezes havia já que subira ao púlpito daquela igreja no mesmo dia festivo¹³⁰.

11.3. Por fim, surge-nos a pregação do licenciado João Nunes da Cunha, também brasileiro, vigário colado da paróquia de Nossa Senhora da Vitória¹³¹, na Baía, dedicada ao arcebispo, D. Sebastião Monteiro David, pelo agostinho descalço, Fr. Tomás da Conceição, em cujo Hospício dos eremitas da cidade de S. Salvador, no ano de 1701, foi proferida¹³². Ainda uma vez se repete o tema: *vos estis sal terrae*. Só que

¹²⁵ *Ibidem*, p. 56.

¹²⁶ *Ib.*, p. 66.

¹²⁷ *Ib.*, p. 69-71.

¹²⁸ *Ib.*, p. 72.

¹²⁹ *Ib.*

¹³⁰ *Ib.*, p. 73.

¹³¹ Barbosa MACHADO, *Op. cit.*, II, p. 714.

¹³² *Sermam / do Grande Patriarcha, e Doutor da Igreja / S. Augustinho [...]*, Lisboa, Of. de Filipe de Sousa Vilela, 1703. Fr. Tomás da Conceição, Comissário Geral dos

desta, a concepção barroquista, inspirada no estilo da época, é levada ao extremo, se considerarmos a contenção que a espiritualidade e a edificação dos fiéis lhe deveriam ditar.

Na verdade, a partir da palavra *sal*, como se se tratasse de exemplificar, o orador se recria a entretecer uma parênese no consabido estilo engenhoso, onde pretende esgotar as virtualidades oferecidas pelas três letras do sintagma. Pois se Agostinho é, como se diz, *sal*, nelas se poderão firmar alegoricamente outros tantos discursos em glória daquele que foi o oráculo das letras mais ilustres. Acertado será, por isso, exclama com ênfase, fundar, nas letras da palavra *sal*, todo o sermão, recorrendo a um processo que nos sugere a técnica do acróstico, na esteira da tradição do *Cancioneiro Geral*, continuada no virtuosismo da poesia galante dos séculos posteriores¹³³.

Significará, assim, o *s* os suspiros de Agostinho; o *a* os afectos e ardores de Agostinho amante e o *l* os livros de Agostinho letrado¹³⁴. E prossegue no mesmo artificioso delírio alegórico. Os três signos juntos e reunidos no termo *sal* têm as qualidades deste e devem os três temperar, com o discurso, iguarias de gosto, de Agosto e de Agostinho¹³⁵. Na verdade, em o *sal*, o *s* da santidade patenteia a sua primeira virtude que é dar gosto, i.e, graça, porque, sem esta, não há santo; o *a* exhibe as dores do amante, já que o *sal* resulta dos influxos ardentes do fogo do céu, tal como o amor que, para ser espiritual e divino, se tem de resolver em honra de Deus e proveito do próximo; o *s* abona as letras da sabedoria, parecendo bem a quem tudo sabe, possuir as letras de todo o saber¹³⁶. Adverte, no entanto, o pregador, talvez com propositada ironia, que assim como o *sal* comido em demasia faz hidrôpicos, as letras ostentadas sem modéstia não passam de soberba inchação¹³⁷. Nas do *sal* se fundam, pois, as excelências de Santo Agostinho. E de novo, à semelhança de outros pregadores, tenta a aproximação metafórica à Eucaristia e ao mistério da Trindade de uma forma artificiosa que, contudo, não deixa de ser imaginativa. Com efeito, a santidade de

Missionários da Guiné e Presidente do Hospício da Palma, refere que foi pregado em 1701 e, por a frota haver partido na véspera da festa de S. Agostinho, só a 1 de Setembro de 1702 pode enviar o texto para ser publicado em Lisboa, a fim de que “não só a America tivesse a ventura de o ouvir com agrado, mas que também a Europa lograsse a dita de o ler com admiraçam, e assombro [...]”, p. 4.

¹³³ *Ibidem*, p. 8.

¹³⁴ *Ib.*, p. 8-10.

¹³⁵ *Ib.*, p. 8.

¹³⁶ *Ib.*

¹³⁷ *Ib.*, p. 10.

Agostinho, sequela da sua conversão, é um reflexo da mutação do sal que se rebela contra si mesmo¹³⁸. Os afectos e ardores do Santo espelham-se na propriedade do que é salgado que provoca ardência e secura em quem o experimenta. Ouçamo-lo: “Arde o amor em chamas quando é fino e dos incêndios que o abraço procede a sede em que vive”¹³⁹.

As letras de Agostinho, insiste, são tantas que são sem conta os livros que escreveu ao longo de 76 anos, quando agora uma vida não é bastante para os ler, sublinha-o em geito de paradoxo¹⁴⁰. São eles partos do amor de seu coração, escritos com penas de águia. E não resiste a declinar — expediente aliás banal na época — a agudeza: será maior a águia de Hipona ou a de Patmos¹⁴¹? Não se duvida sobre o lado para que a resposta irá pender. E, convicto, afirma ser das mesmas águias que ela virá, numa alusão à simbologia da água e sangue saídas do golpe aberto pela lança apontada ao peito de Cristo suspenso do madeira da Cruz, em que Agostinho vislumbra mais mistérios que o próprio discípulo amado¹⁴². De resto, conclui, bem poderá o sal, com suas três letras, canonizar a santidade do bispo de Hipona, aplaudir o seu amor e expor as suas letras¹⁴³.

12. O último desta mostra de sermões dedicados a Santo Agostinho é o do Pe. Manuel Gouveia (1659-1730) que o autor incluiu na 2ª parte dos seus *Sermões Vários*, saídos do prelo em Lisboa, em 1741, mas que se pode com fundamento conjecturar haver sido pregado no limiar de setecentos, no Mosteiro de Santa Mónica das religiosas agostinhas¹⁴⁴. O título sintoniza-o com a espiritualidade caracterizadora do século: “Sermão do milagroso coração do maior dos amantes”¹⁴⁵. Será mais um epíteto a

¹³⁸ *Ib.*, p. 14.

¹³⁹ *Ib.*, p. 18.

¹⁴⁰ *Ib.*, p. 24.

¹⁴¹ *Ib.*, p. 26.

¹⁴² *Ib.*, p. 26-27.

¹⁴³ *Ib.*, p. 27-28.

¹⁴⁴ Nascido em Estremoz, entrou para a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho e foi um dos mais conhecidos oradores do seu tempo, tendo pregado na corte perante D. Pedro II. O seu porte magestoso e a voz sonora com que a natureza o dotara ajudavam-no a prender a atenção dos ouvintes. Deixou vasta produção parenética. Cf. Barbosa MACHADO, *Op. cit.*, III, p. 281-282.

¹⁴⁵ *Sermão / do Milagroso / Coração / do Mayor dos Amantes, O / insigne Patriarcha, e Doutor Eximio da Igreja, / Santo Agostinho / [...]*, in “Sermões Vários, e Discursos Predicaveis, Politicos, Panegyricos, e Moraes”, II parte, Lisboa, Of. João Baptista Lerzo, 1741, p. 67-93.

juntar a tantos, como aliás recorda o autor, a reflectir as demasias barroquistas da “florida eloquência dos oradores”, que chama a Santo Agostinho “o rayo dos Engenhos, o eclipse dos Doutores, o desmayo da Eloquência e o monstro da Discrição”¹⁴⁶. Quanto a si, anuncia no exórdio, num rebuscado jogo de palavras, deixando que os outros lhe “cantem e decantem” o entendimento, propõe-se apenas pregar o coração do Santo, muito embora fazê-lo seja “deixar o todo pela parte; mas he parte tao grande este Coração, ou he este de tantas partes, que sendo uma parte só he por tão boas partes o melhor todo”¹⁴⁷. Será, em seu verboso delírio imaginativo, esse o tema escolhido: o coração de Santo Agostinho — “Cidade, não edificada no monte, senão porta: edificada não, porque o principio do Coração de Santo Agostinho não foy a sua mão, senão o seu peito; porta sim; porque do peito de Santo Agostinho se lhe trasladou o Coração para a sua mão”, para que nela se vejam as perfeições da cidade que são as insígnias do seu amor, pois assim “se pinta no mundo hum coração”: agudas setas, ardentes chamas, ligeiras asas¹⁴⁸. Todo o teor panegírico do sermão passa a estruturar-se na tríade dos significantes: o coração de Agostinho foi coração com asas, porque voou às alturas da sabedoria, santidade e generosidade, a que ninguém chegou; foi coração em chamas, porque ardia em amor, como lâmpada em fogo, e alumiaava com a doutrina, como lâmpada em chama; foi coração com setas, porque ferido à semelhança de Cristo, a fim de ter como ele duas bocas, uma para o amor respirar em chamas e outra para brotar lágrimas — “huma detestando pecados gemia sentindo; e outra exhalando incendios, respirava ardendo: huma para a agua na dor das Confissões, e outra para o fogo no amor dos Soliloquios”¹⁴⁹. Reservou para a peroração a costumada referência à família monástica agostiniana, feminina e masculina, que, em suas ditirâmbicas metáforas, nas asas com que exalta, nas chamas com brilho e nas setas, com que triunfa, perpetua o “prodigioso Coração do prodigiosissimo Agostinho, animado Féniz (entre as chamas do amor ardente) renascida e Divina Salamandra (entre incendios de verdadeira charidade abrazada)”¹⁵⁰. Texto soporativo, repleto de agudezas conceitistas e hipérboles cultistas, a acusar o esgotamento de um estilo literário em fase decadentista — pregação de que, na verdade, se não retiraria nenhum proveito espiritual.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 68.

¹⁴⁷ *Ib.*, p. 68-69.

¹⁴⁸ *Ib.*, p. 70.

¹⁴⁹ *Ib.*, p. 89.

¹⁵⁰ *Ib.*, p. 92.

13. Que restará para dizer do sermão de Fr. Gaspar de Villarroel (1587-1665), agostinho eremita descalço, equatoriano de nascimento e missionário em Lima, no Perú¹⁵¹, cujo talento, segundo testemunhos coevos, era conhecido e admirado em Lisboa, e seu companheiro e confrade português Luís de Lagos achou valer a pena editar, em 1631, na oficina de António Álvares, com outro pregado na canonização de Santo Inácio de Loyola¹⁵²? A justificação para o citarmos pode encontrar-se na circunstância de vir inventariado no elenco dos sermões avulsos compilado por Bernardo Gomes, atrás referido¹⁵³.

Comparado com o de Vieira fica a perder de vista, quer no fôlego criativo quer no brilho literário, e mesmo até alguns dos analisados acabam por lhe ser superiores. Pelo interesse histórico de passagens do seu fio expositivo, salientem-se as relacionadas com a vida fradesca e social da cidade de Lima. Citem-se alguns pormenores factuais: a inveja de que era alvo a ordem dos agostinhos; a necessidade de se cuidar dos pobres; as dificuldades materiais das monjas; a moralidade pública degradada¹⁵⁴. Porém, o tema de fundo assenta na metáfora evangélica da cidade edificada sobre o monte, consabida figura do prelado sábio e santo que Agostinho, afinal, exemplificara com sua vida.

CONCLUSÃO

Por fim, em jeito conclusivo, serão de sublinhar alguns aspectos desta parenética pretextada pela e na festividade litúrgica de Santo Agostinho, de

¹⁵¹ Prelado e escritor equatoriano, nasceu em Quito e morreu em Ureguisaca. Ingressou na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Prior e vigário provincial do convento de Cusco, no Perú, Bispo de Santiago de Chile, de Arequipa e Arcebispo de Charcas, foi um notável pregador e dos melhores escritores americanos coloniais. Cf. *Diccionario Enciclopedico Espasa*, XII, Madrid, Espasa-Calpe, 1988, p. 10521.

¹⁵² *Dos Sermones / en la Fiesta / de N. P. S. Augustin / el uno; y en la Canonizacion del / Glorioso San Ignacio de / Loyola el otro / [...]*, Lisboa, Of. Antonio Alvarez, 1631, 14 fls. O texto é em castelhano. O frade agostinho, Fr. Luís de Lagos, que andava a preparar a publicação em Portugal da primeira parte dos *Commentarios dificultades, y Discursos sobre los Evangelios de la Quaresma*, do mesmo Villarroel, justifica a edição destes sermões pelo facto de estarem a cair em imerecido esquecimento. Cf. *Ibidem*, “Dedicatória a Fr. Francisco de la Serna, Provincial dos Agostinhos do Perú e Catedrático de Teologia na cidade de Lima”. O sermão teria sido pregado em Lima, em 1626.

¹⁵³ Ver Maria de Lourdes Belchior PONTES, nota 4.

¹⁵⁴ *Ibidem.*, p. 4 v - 5.

escopo panegírico, assente sobretudo no exemplo da sua vida após a conversão ocorrida há mil e seiscentos anos.

Na verdade, para além das evidentes virtualidades do engenho e sinceridade dos seus autores, é notória a vinculação ao modo de pregar na época, à medida que nos aproximamos do termo de seiscentos. Sendo óbvio que, e comprovar se pode sem esforço, as críticas demolidoras de Verney¹⁵⁵, pelo menos à vista do teor de uns tantos desses textos, alguma consistência tinham. O jogo alegórico excessivo entretece o desfiar expositivo dos discursos que estruturalmente utilizam os convencionalismos metafóricos, proporcionados pela luz e pelo sal, imagens da consagrada passagem do Evangelho de S. Mateus, com insistência tomada.

Resultam daí as inconcórdias verbais e encomiásticas patentes, por exemplo, em Fr. José da Natividade, Ruperto de Jesus e Nunes da Cunha, complacentes com um gosto estético duvidoso e empobrecedor. Há mesmo nítidas convergências na escolha de temas e na idealização do modelo de prelado que o ambiente da época por certo pressionava, como se sente, por exemplo, nas pregações de Vieira e Simão da Graça. A doutrina agostinista sobre a Trindade, a Encarnação e a Eucaristia, apenas circunstancialmente e em lugares comuns, é referida, acorrentada, porém, ao recorte hiperbólico que se tenta dar ao perfil de Santo Agostinho, sem, no entanto, ultrapassar o convencional.

Do ponto de vista de processos e recursos estilísticos evidenciados, dir-se-ia que as subtilezas retóricas em redor da luz e do luzir, do sal e do ardor, do saber e do amor devem-se analisar na interligação com a ortodoxia doutrinal que Trento reafirmara e definira a propósito da santidade, dos sacramentos, em particular da Eucaristia, e dos mistérios da fé.

Posto que se possam detectar prováveis referências, e sempre breves, a problemas conjunturais porventura em foco, há na exaltação das ordens agostinianas um reflexo possível da questão agitada ao tempo, da sua superioridade entre as de mais, baseada na antiguidade e santidade das regras monásticas seguidas.

De realçar, ainda, na atmosfera afectiva vivida nos últimos decénios de seiscentos, este irromper da temática do amor, da conversão e do confessional que o platonismo, misticismo e biografismo de Santo Agostinho, repassados pelo crivo da ortodoxia, justificavam. Reler estes textos mais não será do que mostrar a necessidade de situá-los no conjunto da

¹⁵⁵ Cf. Luís António VERNEY, *Verdadeiro Método de Estudar*, ed. de António Salgado Júnior, II, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1950, p. 27-46.

parenética portuguesa da época e sua inserção por óbvio alargamento na produção literária, eclesiástica e profana, do período a que pertencem.

JOÃO FRANCISCO MARQUES